



Director—António Dantas, filho
 Secretário da Redacção—António Geraldo
 Editor—António A. Carvalho Júnior

Quinzenário Académico
 Propriedade da Empresa de O CALOIRO

Guimarães, 29 de Fevereiro de 1912

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 Rua de Gil Vicente, 98—GUIMARÃES

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesa
 RUA DE PAIO GALVÃO

A nossa ortografia

Desde que apareceu êste humilde órgão da mocidade estudiosa, tem êle procurado seguir, o mais exacta possível, na medida das suas forças, a ortografia oficial.

Porisso a *nossa* ortografia não é arbitrária. E' da grande Comissão, há um ano incumbida de estabelecer a unidade apetecida em meio da babel formidável que tam desastrosamente nos desorientava.

E' a grafia que os nossos mais autorizados linguístas propuseram ao Govêrno e que êste aprovou.

E' a ortografia que oficialmente tem três anos de provisoriedade, para seguidamente ser definitiva e obrigada, nas regiões officiais e no mundo académico.

E' um dos melhores serviços que o novo regime há prestado à vida nacional. Que a escrita é, sem dúvida, também um grande elemento de vida.

*
 **

Entre os membros da conspícua e abalisada Comissão da reforma gráfica, entre os esforçados batalhadores do bom combâte, salienta-se, em singular destaque, a figura querida do sr. Dr. A. Cândido de Figueiredo.

O ilustre humanista tem sido, desde largos anos, um orientador sem rival por entre a desordem das várias escritas.

Os seus diversos e bem conhecidos livros, a sua secçãozinha *Falar e escrever* no *Diário de Notícias*, a qual já atingiu passante de mil e trezentas consultas, o seu grande e perfeito Dicionário, tudo contribuí a pôr em evidência o escritor purista de velha data.

Pois bem. O sr. Dr. Cândido de Figueiredo, sôbre tantas

canseiras que o assoberbam, ainda veio oferecer-se para corrigir parte de cada jornal que quisesse visitá-lo.

Foi o *Caloiro* de 31 de Janeiro cumprimentar s. ex.^a; e o incansavel trabalhador teve a amabilidade de nelle escrever o seguinte lisonjeiro testemunho:—

—«Revisto até o meio da 2.^a columna da 2.^a pág. Correções insignificantes. Em geral, pode servir de modêlo ortográfico a jornais de grande fama e circulação. Parabêns.»—

*
 **

Aqui deixamos exarado o nosso agradecimento, sentido e fervente, ao estímulo carinhoso do professor, do poeta, do escritor, do filólogo, de tudo quanto se alia nessa altíssima e inconfundível figura do nosso meio literário.

Muito obrigados.

Ao povo de Guimarães

Quando me fôram oferecidas as columnas dêste conceituado jornal, senti-me feliz por ver que chegava o momento em que eu podia dar expansão ás minhas alegrias íntimas e traduzir, embora por palavras simples e despedidas por completo das belezas do estilo, o entusiasmo e o reconhecimento que ainda hoje temos pelo hospitaleiro povo de Guimarães.

Que tristezas não sentimos quando a manhã do dia 12 nos veio anunciar o novo regresso ao Pôrto e quando, absortos em melancólicos pensamentos, ouvimos o silvo agudo da locomotiva que, sem saúde alguma, se preparava para nos conduzir através das belezas do Ave até à monotonia das nossas casas!

A alegria deixou de sorrir-nos. Era porque deixávamos Guimarães, essa terra que tam bem nos recebeu, e que nem o tempo, que tudo deteriora, será capaz de nos apagar do espirito.

Não quero nem devo esquecer o trabalho incansavel que os nos-

A' minha querida

(Um sonho)

O mar está sereno e manso, agora.
 Que doce arrulho a sua espuma tem!
 Como indolentes suas águas vem
 Espreguiçar-se pela areia fóra!

Ai! Quem me dera—ó meiga e encantadora!—
 Fugir contigo... muito lá p'ra além...
 Para acalmar, sem que nos visse alguém,
 Nesse teu seio o amor que me devora!

Vês a barquita que acolá, sózinha,
 Anda a boiar, tranquila e docemente,
 Sem que uma onda a vá sobressaltar?

Oh! quem me dera assim uma barquinha,
 Andar contigo além... sobre a corrente,
 Onde ninguem nos fôsse perturbar!

I. M.

.....
 sos colegas de Guimarães tiveram, auxiliando-nos nas lides mais difíceis e ásperas que se nos separaram e que assim sem custo vencemos. O nosso desejo será que vós, caros colegas, continueis honrando a nossa classe, como há tempos fizestes, para que êsse laço de fraternidade, que nos une, nunca deixe de existir.

Por último, volvendo os olhos pelo passado, surge-nos ainda a lembrança dessas joviais e encantadoras donzelas que, para nos amenizar as agruras do tempo, cubriram as nossas velhas capas com rosas singelas e perfumantes.

A vós, senhoras nossas, que quistes Receber com carinho os estudantes, Um viva bem saúdoso e um triste adeus Dêstes novos artistas ambulantes.

Permiti que eu agora levante, num brado de entusiasmo, três calorosos vivas, em que vai toda a minha alma, todo o meu coração. Viva Guimarães! Viva a Academia de Guimarães! Vivam as sorridentes Damas de Guimarães!

A. B. C.

A Tuna Académica dos Liceus do Pôrto em Guimarães

Conforme o nosso jornal anunciou, chegaram no dia 11 do corrente em visita a esta cidade a Tuna Académica e varios estudantes dos liceus do Pôrto.

Descrever o que foi a recepção carinhosa e afável que o povo desta briosa terra preparou aos simpáticos rapazes, não cabe na pena dum estudante, que pode ser tomado à conta de suspeito e apodado de *escachador*, como sói dizer-se em calão aplicável. Tais fôram os requintes de gentileza, com que fôram rodeados, as calorosas saudações que lhes fôram dirigidas e os entusiásticos aplausos de que fôram alvo. Entretanto, no rigoroso cumprimento da nossa missão de informadores, vamos fazer aos nossos queridos leitores um simples e despretenhoso relato do que foi êsse dia 11 que ficará memorável nos corações académicos e nas gloriosas tradições dêste povo generoso e bom.

Apesar das fortes cargas de água que a cada passo se desencadeavam sobre nós, a Academia Vimaranesa dirigiu-se à Estação, acompanhada duma banda de música, reunindo-se-lhe durante o trajecto corporações e colectividades.

Era um cortejo soberbo, no qual tomaram parte varias colectividades com os seus estandartes. Foguetes estralejaram nos ares, anunciando que o combóio entrara nas agulhas, e momentos depois passava-se uma scena deveryas encantadora.

Os estudantes do Pôrto, que já de longe nos saúdavam, agitando as suas capas para fora das por-

tinholas das carruagens, apeavam no meio de estrondosas e entusiásticas ovações, em que se empenhavam à porfia os nossos académicos e os briosos operários de de todas as indústrias que por completo pejavam a gare.

Sempre envoltos num delírio febril, saíram todos da Estação e cá fóra organizou-se o cortejo, aglomerando-se o povo, que enchia o recinto, em volta da Tuna, a qual desferia com todo o primor o nosso Hino da Cidade.

O cortejo pôs-se em marcha, mas—este *mas* é que foi o diabo! —poucos passos dados, cai sobre nós uma formidável bâtega de água, acompanhada de enorme granizo que pôs tudo em debandada, procurando cada um abrigar-se onde podia e tentando os portadores das bandeiras, algumas novas, livrá-las de se estragarem.

Passada a borrasca, voltou novamente um sol acariciador e então organizou-se outra vez à entrada da cidade o cortejo que, contornando o jardim público, se dirigiu, pelo Toural e rua da Rainha, aos Paços do concelho.

Ali foram-lhes dadas as boas-vindas em nome da cidade pelo Presidente da Câmara.

Apesar da chuva impertinente, que então principiou a flagelar-nos, seguiu dali o cortejo, sempre acompanhado de muito povo, para o edifício do Liceu, onde os visitantes foram recebidos pelo estimadíssimo Reitor daquele estabelecimento Ex.^{mo} Sr. José de Pina que, num curto discurso, pôs em destaque a pureza da sua alma de eleição, na forma como demonstrou sentir-se bem entre os estudantes e nas saudações que dirigiu aos académicos portuenses.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o inteligente professor do Liceu Rodrigues de Freitas, do Pôrto, Ex.^{mo} Sr. Dr. Alfredo de Magalhães, que em breves palavras explicou os deveres dos estudantes para com os professores e destes para com aqueles, pois do convívio de todos resulta um grande bem, como êle tem observado na sua maneira de proceder como professor.

Segue-se o presidente da Academia Vimaranesense que felicita os dois professores presentes e os seus camaradas pelo brilho que procuraram imprimir à recepção dos illustres visitantes e termina saudando êstes.

E ao som do hino nacional, acompanhado de vivas entusiásticos, terminou esta festa de confraternização académica, dirigindo-se o cortejo para o quartel do regimento de infantaria n.º 20, onde era aguardado pela banda respectiva e oficiais, dando ingresso na sala da biblioteca.

Em seguida visitaram a Associação de Classe dos Empregados de Comércio, sendo recebidos no salão nobre, onde o Presidente da Direcção, sr. Armando Humberto Gonçalves, demonstrou bem nitidamente a simpatia que a sua classe tinha pelas gerações académicas, pois via nelas uma grande parte do futuro do nosso país, terminando por saudar nos estudantes presentes os futuros esteios da Pátria Portuguesa. Foi muito ovacionado.

Falou em seguida o regente da tuna que manifestou a sua admiração pela maneira afectuosa como os seus colegas foram recebidos pelo povo vimaranense, que excedeu toda a expectativa e que os penhorou imenso, tornando-os devedores duma gratidão que já-mais se apagaria nos seus corações.

No meio de numerosos vivas a tuna executou o hino nacional, o hino da cidade e a marcha «Viva Guimarães».

Dali seguiu o cortejo para o quartel dos Bombeiros Voluntários.

Na passagem junto do edificio da Direcção do Caloiro os nossos visitantes manifestaram o seu carinho ao nosso jornalzinho. Pena foi que não se adivinhasse a amabilidade, para a agradecer condignamente.

Por todas as ruas onde o cortejo passou, as illustres damas, sempre primorosas e sempre gentis, cobriam-no de flores, ao que os rapazes correspondiam com vivas e salvas de palmas, atirando-lhes com as capas em sinal de agradecimento.

A noite realizou-se o sarau no nosso teatro, cujo programa foi rigorosa e magistralmente cumprido.

A tuna executou com arte os vários trechos musicais e o corpo scénico desempenhou-se muito bem.

Não podemos especializar ninguém, porque todos nos agradaram muitíssimo.

O teatro estava repleto de espectadores que no fim de cada

número aplaudiam freneticamente os executantes, fazendo bisar alguns números de música.

E assim terminou esta festa simpática que há de viver sempre na alma dos rapazes, e é mais um padrão que engalana os velhos créditos da cidade de Guimarães.

No dia seguinte pelas 9 horas andaram os académicos portuenses pelas ruas da cidade, em visita de agradecimento, dando calorosos vivas às gentis damas, ao povo e à cidade de Guimarães, retirando em seguida, levando consigo a recordação saudável daquelle dia feliz.

«O Caloiro», felicitando os seus camaradas das duas terras, dirige o seu caloroso agradecimento ao honrado Povo vimaranense que tanto contribuiu para que a festa académica fôsse ruidosa, e às gentilíssimas damas que de tanto brilho a dotaram.

O Carnaval

O carnaval nesta cidade decorreu animado.

Um grupo de Académicos, pondo de lado a monotonia dos seus lares, proporcionou ao povo desta cidade um cortejo nunca visto.

Além de discursos cheios de chiste (não estivessem lá o Apri-gio e o Barros...) que roubaram aos inúmeros assistentes estridentes gargalhadas, o povo teve ocasião de apreciar *belos trechos musicais*, executados pela *excelente banda* composta pelos melhores maestros do nosso liceu e do Pôrto.

Nem a Filarmónica Taipense seria capaz de executar com tanta perfeição os difficilimos números de música como são: a Boémia, os Palhaços, etc.

Os interessantes e vistosos fardamentos que alguns ostentavam, causaram a mais viva hilariedade.

Pena foi que a chuva estragasse em boa parte a patuscada.

No Teatro Afonso Henriques o espectáculo esteve concorridíssimo, jogando-se as serpentinas e *confetti* com animação.

Exibiram-se também uns interessantes quadros fixos, representando vários cavalheiros desta cidade em posições muito garotas, o que despertou gargalhada desprezada.

Na Cela

—Tanto te amei, ó lua! Hoje, esquecido,
Não sei, no meu penar,
A causa do segredo!
Quanta vez tu me ouviste, enlouquecido,
Choroso me queixar
Das sombras do arvoredor!

Eu queria que a terra prateada
Recebesse teu raio
Toda, sem distinção.
Quando não via a terra bem banhada
Pelo luar de maio,
Doia-me o coração.

Não te lembras que, á tua luz tão bela,
Tristes versos já fiz,
Que tu ouviste a rir?!
Porque te não dirigis a esta cela
Sorrir a êste infeliz
Que espera p'lo porvir?

—Bem percebes, ó vate, que não posso,
Quando pálida, a voar,
Me guio para aí.
Grades férreas, granito, tndo roço;
Mas nunca penetrar
Pude p'ra ao pé de ti!

—Ah!... Sim!... Então, ó aéria peregrina,
Quando junto passares
De Guimarães, meu lar,
Anuncia à cidade e à campina
Que meus loucos pesares
Mal posso suportar...

Leva-me, oh! leva-me esta atrás saudade,
Espalha-a no torrão
Que me embalou, além!
Traze, ao voltar, ó pálida deidade,
Dentro do coração
Beijos de minha Mãe!

Coimbra.

R. E.

Crónica literária

A RENASCENÇA

(Conclusão)

A Renascença passou da Itália à Alemanha com Erasmo, à Inglaterra com Shakespeare, à França com Rabelais e Montaigne, à Espanha com Miguel Cervantes e Lope de Vega, e finalmente a Portugal com Sá de Miranda, Gil Vicente, Damião de Góis e outros, nomeadamente o nosso épico imortal.

O Renascimento das letras em Portugal fêz-se em seguida á viagem que o grande lirico Sá de Miranda realizou à Itália.

O uso do hendecassilabo e as innovações da escola italiana orientaram abertamente o renascer literário. Só a êste nos referimos nestas rápidas notas. A Renascença nas artes e sciências exigiria mais largueza, de que não dispomos.

FOLHETIM

PREGÃO

NA

Festa dos Estudantes de Guimarães

(CHAMADA DE S. NICOLAU)

Ano de 1819

Que viva!... eis finda o Sol tamanha volta...
Correu os Signos doze à rédea solta;
Mas essa para os Mais veloz carreira
Para Nós foi tristonha vida inteira.
Que viva!... que a Função dos Estudantes
Ei-la torna galharda como dantes!

Ai de Ti, Guimarães, ai que seria
Se não fóra a Grandeza dêste Dia!
Não é já outro de mais guapa fronte
Êste, que em torno vemos, horizonte?
Matiz de nova côr não traja a Terra?
Êcos de Glória não rebomba a Serra?
Por mãos calosas até aqui ferido,
Não vai hoje o tambor todo garrido
Ao ver-se em mãos de neve, mãos mimosas,
Dignas só de esfolhar jasmims e rosas?
Não se afadigam já pelas janelas,
Em trémulo reflexo como estrelas,
Os olhos de formosas Dulcineias
Setas de ouro apontando ás nossas veias,
Por ser na Vila e ser nos arredores
Dia de Nicolau, Dia de Amores?
Que esperais, claros Filhos de Minerva?
Erga-se o remoinho, a guerra ferva,
Do arruído estremeça a praça, a rua;
Folgança e mais folgança, nua e crua.
Hoje hão-de remoer de raiva os Bonzos,
Quais perros gemem co'a ferrugem os gonzos...

Vede como já foge para os matos
Estúpida caterva de insensatos!
Do Escolástico açoute sacudidos,
Urram aqui, ali, de horror transidos...
E que pensavas tu, boçal basbaque
Que na cachola vã forjando ataque
Aquela, a esta Dama, presumias
Iguais a Nós fazer cavalarias?!
O que? sem pagar fôro à Palmatória,
De Vénus aspirar ao Cinto, à Glória!
Tu és, Crástino Dia, o Varredoiro
De tanta vil ralé, tanto besoiro!...
Resurge, Aurora Sexta de Dezembro!
Dos sãoos arranca o gangrenado membro.
Das mãos não largues válida joeira,
Que há muito joio que enxotar na eira.
Quem sofrerá um parvo encodeado
Porque ao Domingo sai embonecado,
Todo em bicos de pés, todo farfante,
De Braga seja vindo, ou de Amarante, *

* Moço sapateiro tal qual o pinta o A.

Como poeta dramático a Renascença deu-nos Gil Vicente, o criador do teatro nacional português.

Até então não havia teatro, no sentido estrito da palavra.

Gil Vicente! Esse homem grandioso, que é o justo orgulho da cidade de Guimarães, que lhe ouviu os primeiros vagidos, ao descer a este mundo cheio de enganos e tristezas, foi o primeiro dramaturgo português. Foi nessa cidade que esse genio imorredouro deu os primeiros passos, auxiliado pelas mãos caridosas duma carinhosa mãe! Como nós, também ele aí recebeu os primeiros alvares desse néctar precioso para a estrada longa e duvidosa do futuro!

Volvidos anos, saiu de Guimarães esse homem eminente, para continuar os seus estudos em Lisboa. Pouco tempo depois deixava boquiabertos os ociosos cortesãos do Rei Venturoso, que se não cansavam de assistir ás suas representações.

E' elle o nosso maior dramaturgo, a quem os grandes homens, mesmo estrangeiros, admiravam, como Erasmo que, dizem, aprendeu o português propositadamente para conhecer as suas obras.

Maior que Gil Vicente é o nome de Camões.

Camões! Esse ente querido, que todo o bom português traz na memória, foi um soldado que em afastadas regiões se bateu corajosamente pela pátria, dando lustre ao exército português.

Como lírico, se não é o primeiro, enfileira ao lado dos melhores líricos de então; como dramaturgo, escreveu peças de preço, e como épico, é digno irmão de Homero e Vergílio! Foi este homem a glória da literatura portuguesa; foi elle que, em estrofes geniais, cantou os feitos dum povo

"a quem Neptuno e Marte obedeceram,"

Foi este maravilhoso poeta que melhor compreendeu a poesia, que nasce dos sorrisos como das lágrimas, do amor como da ingratidão!...

Ah! mas a desgraça parece comprazer-se em torturar os grandes génios!

Camões, essa inteligência privilegiada, foi um mártir da desgraça!

Esse homem, por nutrir dentro do seu coração um amor puro,

como o sabe idealizar um poeta, um amor inocente, pela sua Nêctar gentíl, foi desterrado!

Infeliz poeta, cujo coração magnânimo tamanhos desgostos apunhalaram! Português querido, que morrias, quando a Pátria morria também!

Brook.

Sociedade Martins Sarmiento

Como nos anos anteriores, deve realizar-se no dia 9 do próximo mês de Março, no salão nobre desta Sociedade, uma solene distribuição de prémios que são conferidos aos alunos mais distintos



Edifício da Sociedade Martins Sarmiento

das Escolas Primárias deste concelho.

Temos assistido por várias vezes a esta festa que enche de entusiasmo, não só os pequenos premiados, com também a numerosa assistência, a quem faz evocar saudosas recordações do passado.

No meio de constantes ovações, recebem esses pequenos obreiros do saber uma recompensa ao seu trabalho dalguns anos. Lêmos-lhes nos olhos toda a consolação, toda a alegria que lhes invade a alma.

Sentem-se felizes, e os seus

professores compartilham da felicidade dos seus discípulos.

E' indescritível a ânsia com que esperam esse dia tam querido.

Muitas vezes acontece que o professor, dominado pelo favoritismo, não apresenta a receber a recompensa oferecida por esta benemérita Sociedade o aluno mais distinto da escola, mas sim aquele a quem elle deve favores, provocando assim o desconsolo ao preterido.

Um caso poderíamos narrar, em que uma professora procedeu assim; mas isto em nada influi no brilho que costuma revestir aquella encantadora festa a que nós, estudantes, nos associamos de todo o nosso coração.

pois torna-se-nos difícil fazer a sua cobrança.

Prevenindo

O proceder de dois cavalheiros leva-nos a abrir uma nova secção neste jornal, sob o título **Tribuna dos Caloteiros**, onde estamparemos, em caracteres bem legíveis, os nomes de todos aqueles a quem o recibo fôr apresentado e tiverem a pouca vergonha de dizer que não pagam.

Há já dois indivíduos que terão o logar de honra, se não nos comunicarem o motivo que os levou a tal: um deles é de Fafe e o outro de Viana do Castelo.

Acautelem-se pois.

Para recrear

SOLUÇÕES

N.º 1

Havendo 10 laranjas, que devem ser igualmente repartidas por 3 pessoas, cabem a cada uma $\frac{10}{3}$; e por isso Manuel terá de dar $6 - \frac{10}{3} = \frac{8}{3}$, e António $4 - \frac{10}{3} = \frac{2}{3}$, restando dividir os 10000 réis em partes proporcionais a $\frac{8}{3}$ e $\frac{2}{3}$, ou, o que é o mesmo, a 8 e a 2, o que imediatamente se reconhece que dá 800 réis para serem entregues a Manuel e 200 réis para António.

Todas as soluções, que recebemos, deste problema estão erradas.

N.º 2

O número que dividido por 3, 5, 7 e 9 dá de resto 2 é 947.

Enviaram soluções certas Bis-marck, Rosas e R. Esteves.

O Cinematógrafo é o melhor e mais económico divertimento que se pode desejar.

Domingos e dias santificados sensacionais estreias.

Aos srs. assinantes

Rogamos o favor de satisfazerem o importe das suas assinaturas logo que o recibo lhes seja apresentado, pelo que ficamos muito gratos.

Aos assinantes dos arredores de Guimarães, desejavamos dever-lhes o obséquio de mandar para esta redacção a importância dum semestre

Porque lhe deu na tonta andar á moda,
Querer com estudantes fazer roda?
Querer armar das Damas á conquista,
Sonhando que não há quem lhe resista?
E como se espanica!... se espanija!...
Ao Norte sempre como ao Sul bordeja.
Amanhã o verás, pateta bronco,
Quando a manopla te alimpar o monco...
Não te lembrava este tremendo Dia?
Nem palavra, nem uma cortesia,
Se consente amanhã: ou seja pobre
A Dama, ou seja rica, humilde, ou nobre,
De qualquer geração que a Arvore seja,
Ou só própria de Heróis, como a Palmeira,
Ou de todos comum, como a Oliveira; *
Tudo é só nosso, tudo é reservado
Ao Filho de Minerva encaretado.
Lei primorosa! Lei sublime, augusta,
Que tantas lidas e suor nos custa!

* Alude á Oliveira, mulher pública de Guimarães.

Prémio dos prémios, mais que o Nectar doce
Es, oh Sacro Direito e antiga Posse:
E então há-de perder-se?... O sol primeiro
Nos bigodes dum Turco prisioneiro
Estrebuchar veremos, qual na teia
De Aranha a mosca até morrer perneia.
Temos fino cutó, tam curtdoiro,
Que, apenas apontado, estira um toiro.
Temos lança Aquileia, Hercúlea clava,
Catapulta feroz, Balista brava.
Há largo Chafariz para o mergulho,
Há sobejos torrões para o entulho.
Escolástico murro o queixo escacha,
Um pontapé ao meio as costas racha.
De altas vinganças o momento é este.
Tremei, Casquilhos... se esta Tropa investe...
Austro, nem Aquilão não cai mais forte
Das nuvens entre a horrisona coorte.
Nicolau, sim, quer' paz, mas quer' respeito:
Quer' sempre elle só ver nosso direito.
Quer a ponto ver pagas as medidas
Co'aquelas honras, que nos são devidas.

Qual pisco ao ver a rubra ventoinha,
Quer' que ao reideiro trema a passarinha.
Mal que à Renda num Coche tremebunda
Chegar sua Excelência rubicunda, *
Seja assim, Guimarães, Vila formosa,
Façamos todos a Função gostosa.
Ouça alegre a Manhã, a Tarde, a Noite,
Sempre folgaz, não justiceiro açoite.
Por honra tua e bem do teu toutiço
Assiste com mudez e olhar submisso.
Tal é deste Pregão toda a matéria,
Sentido, oh lá!... Depois não haja léria.
Só falar pode a Moça esbelta e linda,
Que por muito que fale, é pouco ainda.

* E' um Coreiro da Colegiada, vestido de Cardeal, em cuja presença se reparte a Renda dos Estudantes.

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Officina de Encadernação, Papelaria e Livraria

--DE--

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na officina tipográfica, montada com cêrca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a côres, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na officina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material vindo expressamente do estrangeiro e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório, caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos químicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfectos e rápidos.

Fotografia Carvalho

98 Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfectos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame desde 600 a dúzia.

Ampliações inalteráveis desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo tempo.

Colégio Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alumnos internos, semi-internos e externos, para instrução primaria, secundaria e curso comercial.

Alimentação abundante e bem cuidada

Pedir programas à direcção

O GALOIRO

Quinzenário Académico

O GALOIRO

Quinzenário Académico

PREÇO DA ASSINATURA

(Pagamento adiantado)

Semestre 240 rs.
Trimestre 120 "
Numero avulso 20 "

Pelo correio aumenta 60 reis para o porte e cobrança.

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição, por linha 20 "
Permanentes, contrato convencional.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Ex.^{mo} Sr.